

# SUSAN TAUBES

## Divórcio



«Uma obra extraordinária,  
décadas à frente do seu tempo.»

**THE NATION**



cavalo de ferro

## INTRODUÇÃO

Tal como existem livros de culto, também existem pessoas de culto. Que alquimia misteriosa catapulta pessoas que são largamente ignoradas, ou, pelo menos segundo a sua própria percepção, insuficientemente valorizadas na sua época, para este nicho privilegiado na imaginação da sua posteridade jamais é totalmente explicável e não deverá ser confundida com reputação no sentido convencional do termo. Examinados friamente, os feitos destas pessoas de culto caracterizam-se mais pela escassez do que pela abundância. Tal, porém, apenas contribui para o fascínio e a aura que as rodeia, como se as suas vidas estivessem destinadas a ilustrar a acuidade da máxima de Mies van der Rohe que afirma que menos é mais. Trata-se de homens e de mulheres que atraem o interesse da posteridade por meio de uma combinação de carisma (sempre), beleza física (muito frequentemente) e, correndo o risco de soar algo cruel, também muito frequentemente, morte numa idade relativamente jovem. Cogitando acerca de uma destas pessoas de culto, os seus admiradores costumam exclamar: «Imagine-se onde teria chegado, se não tivesse morrido.»

*Divórcio*, rapidamente esquecido após a sua publicação em 1969, ainda não se tornou um livro de culto, conquanto possua todas as qualidades de um tal livro, mas a sua autora, Susan Taubes, era, sem dúvida, o tipo de pessoa brilhante, glamorosa e fatídica que tenho estado a descrever. De facto, a tipologia da figura de culto assenta-lhe tão bem que chega a ser quase desconcertante: o seu carisma, a sua beleza a fazer lembrar Greta Garbo, mas, acima de tudo, aquela noção,

universalmente subscrita por quem a conheceu de perto, de que ela achava o fardo da existência demasiado aniquilador e de que a sua relação com o mundo foi sempre radicalmente accidental. Devo aqui ser sincero: não estou a especular. No início da década de 1950, em Cambridge, Massachusetts, Susan e o seu marido de então, o rabino e filósofo Jacob Taubes, eram os amigos mais chegados dos meus pais, Susan Sontag e Philip Rieff. Os seus filhos, Ethan e Tania, eram meus amigos e contemporâneos. Depois de tanto os Taubes como os meus pais se terem divorciado, e depois de ambos se terem mudado para Nova Iorque, Susan Taubes e a minha mãe continuaram a ser amigas íntimas, uma amizade que só terminou com o suicídio de Taubes em Novembro de 1969, cerca de uma semana depois da publicação de *Divórcio*. Foi à minha mãe que coube a tarefa de identificar o corpo. Muito mais tarde, disse-me: «Jamais lhe perdoarei... e nunca recuperarei do que ela fez.»

Um livro, escreveu certa vez o aforista romeno E. M. Cioran, é um suicídio adiado. No caso de *Divórcio*, não adiado por muito tempo. Algumas semanas antes de morrer, Taubes escreveu no seu diário: «Estou sentada no meu quarto. Saio. Entro, espero que o tempo passe. Daqui a cerca de duas semanas afogar-me-ei.» A minha mãe, porém, sempre achou que a causa imediata do suicídio de Taubes foram as más críticas que o romance recebeu, sobretudo uma pequena recensão feroz e, do ponto de vista privilegiado dos dias de hoje, assustadoramente misógina do crítico Hugh Kenner no *The New York Times*, numa época — parece ter sido há tanto tempo e que bom que as coisas já assim não sejam! — em que a aprovação ou desaprovação naquele jornal tinha um grande impacto no êxito de um livro. Mas quer isso seja verdade ou não, toda a obra de Taubes e grande parte da sua vida (ou assim, uma vez mais, pensava a minha mãe: estou a parafraseá-la mais do que a opinar) foram ensaios para a sua morte. Foi esse seguramente o caso de *Divórcio*, título que Taubes não escolhera e que apenas aceitou quando os editores rejeitaram aquele que havia sido o título que ela elegera: *To America and Back in a Coffin*.

A retrospectão, conquanto nos permita reavaliar com maior clareza, é habitualmente desagradável. E ainda que não o fosse neste

caso, quero manumitir Taubes dos seus admiradores. Foi muito mais do que a artista condenada, ou uma qualquer precursora obscura de Renata Adler (embora, em certo sentido, também o tenha sido, de facto). No entanto, é difícil não encarar a maior parte da obra de Taubes, se não mesmo toda — sendo as excepções mais óbvias *African Myths and Tales* e um livro sobre mitos ameríndios chamado *The Storytelling Stone*, que ela compilou entre 1963 e 1965 —, como episódios de uma série de ensaios em prosa da sua morte. As memórias de além-túmulo — de resto o título da obra-prima do género escrita por Chateaubriand — sempre a fascinaram, e a sua obra, começando com a tese universitária sobre Simone Weil, a novela ainda inédita *A Lament for Julia* e o punhado de contos que escreveu, tem a morte como força motriz. Inclusivamente em críticas, o *leitmotif* da sepultura recebe lugar de destaque, como quando escreveu sobre a peça de Jean Genet, *Os Negros*, e chamou à sua recensão «Sobre Irmos ao Nosso Próprio Funeral», embora a peça seja, grosso modo, sobre o racismo branco, e especificamente sobre um homicídio e um julgamento, no final do qual há uma morte, mas não um funeral propriamente dito. Mais tarde, uma versão revista da crítica apareceu na *The Tulane Drama Review* com o título, mais apropriado, de «As Máscaras Brancas Tombam». A escolha dos editores neste caso foi sem dúvida a mais correcta. Contudo, não obstante a presumível e óbvia argumentação comercial — *Divórcio* pode não ser o mais convidativo dos títulos, mas, como os editores de Taubes lhe terão sem dúvida feito notar, *To America and Back in a Coffin* é um título ainda mais desencorajador —, o título inicial, na verdade, ajusta-se ao livro que ela escreveu, ainda que não necessariamente ao livro que os editores desejavam que ela tivesse escrito.

É importante ser cuidadoso. *Divórcio* não é apenas sobre o fim de um casamento e a luta de uma mulher para se libertar de várias amarras, psíquicas, sexuais, e outras, a que o marido continua a querer sujeitá-la, mas também não é só um romance sobre a morte. Pelo contrário, o livro reúne várias narrativas sob um tecto romanesco, por vezes magistralmente, outras vezes de forma vacilante. Nas suas páginas, a história mais ou menos franca da tentativa que

a narradora, Sophie Blind — Taubes tinha uma propensão para dar às suas personagens nomes algo didácticos —, trava para se libertar do casamento mistura-se com um truque de prestidigitação modernista no qual a distinção entre o que é sonho e o que é realidade fica deliberadamente pouco clara. O livro começa com uma secção na qual Sophie informa o leitor de que está morta e que só graças a isso pode dizer a verdade. Viva, afirma ela, só queria ser feliz, acrescentando que é o que todas as mulheres querem (não obstante a sua originalidade e o antinomismo da sua narradora, *Divórcio* consegue ser destoantemente coevo). Morta, porém, ela pode preocupar-se com o poder e com a verdade. E com esse prólogo, o romance começa a sério.

Sophie, é claro, não está morta, pelo menos na parte seguinte do livro. A primeira parte do romance é uma anatomização do casamento de Sophie com Ezra, e vai saltitando de partes do começo para partes do fim. Para aqueles que se recordam de Jacob Taubes, ou que leram as muitas evocações que acerca dele foram escritas, o retrato de Ezra é uma descrição sinistramente exacta em todos os seus charme, inteligência, crueldade e licenciosidade. O homem que mais tarde escreveria a um amigo a vangloriar-se, dizendo: «Sou impossível», era isso mesmo e pior, sobretudo em relação às mulheres. No romance, Ezra repreende Sophie e depois diz-lhe que a ama precisamente pelas qualidades em virtude das quais a censurou, e logo a seguir torna a repreendê-la. Entretanto, Sophie faz as contas ao legado do seu casamento ao mesmo tempo que imagina a sua própria morte, fantasiando em determinado ponto que morreu e que Ezra e Nicholas, o seu amante, foram identificar o seu corpo e que, enquanto esperam, trocam opiniões eruditas sobre o judaísmo, a Universidade de Heidelberg e uma pintura da Catedral de Chartres. Tais diálogos encontram-se por todo o lado em *Divórcio*. É, sob muitos aspectos, um romance acerca de pessoas cultas escrito para pessoas cultas, de tal maneira que quando Sophie refere as palmadas que dá no filho Joshua à frente de Nicholas, a maneira como o amante exprime o seu desconforto perante o acto é com uma referência a Franz Kafka.

Serão talvez demasiadas, sobretudo para um leitor da década de 2020, quando o consenso geral mesmo entre intelectuais académicos

não-empenhados é que estas formas de erudição e este inventário de referências mascaram todo o tipo de estruturas opressivas e necessitam urgentemente, segundo o jargão actual, de ser questionadas. Mesmo para o leitor que é indiferente ou hostil a tais proibições contemporâneas, e eu apostaria que existem muitos mais do que aqueles que estão dispostos a admiti-lo neste momento, a variedade e a quantidade de referências intelectuais e filosóficas são provavelmente avassaladoras. Tal não deve ser confundido com pretensiosismo. *Divórcio* é um romance em que abundam pormenores arcanos, mas o retrato que faz da dor psicológica é tão lancinante, tão universalmente reconhecível, e os esforços de Sophie para não sucumbir a ela são tão convincentes que as referências culturais são mais uma espécie de música de fundo do que obstáculos, música de fundo de um funeral que é também uma festa móvel. Contemplando de além-túmulo não só o seu ex-marido e o ex-amante mas a própria família, Sophie é sardónica. «Estou morta», comenta ela. «Podem todos descontraír e comemorar.»

Às brutalidades psíquicas da vida conjugal de Sophie, acrescenta-se o legado deformador da família, já notório na parte inicial do livro, incluindo na cena do enterro, durante o qual, junto ao caixão, Ezra diz ao pai de Sophie: «No seu funeral, pelo menos, ela está decente», e o pai não levanta objecções. Mais ou menos a um terço de *Divórcio*, Sophie, a narradora pouco confiável da ruptura do seu casamento, dá lugar à narradora totalmente fidedigna da sua infância como membro da extensa família Landsmann (outro nome eloquente) da alta burguesia de Budapeste, e mais tarde de Viena, antes da II Guerra Mundial. Susan é habilmente feroz no seu retrato do pai, autoritário e psicanalista (inspirado, como Ezra o foi em Jacob Taubes, no seu próprio pai, um distinto psicanalista da época, tanto na Europa quanto, mais tarde, nos Estados Unidos), e da mãe, perseverante e impenitentemente infiel ao marido, acabando por divorciar-se dele e por casar com um homem muito mais novo. Tudo isto acontece antes da união da Alemanha nazi e da Áustria, em 1938. Segue-se uma secção linear, que retoma a história de Sophie e do pai após terem emigrado para a América.

Depois disso, porém, a narrativa realista dá uma vez mais lugar a um relato fantasmagórico.

Tal como nas secções iniciais de *Divórcio*, Sophie está morta; ou, pelo menos, presume-se que esteja: intencionalmente, isso não fica claro. Ezra, o pai, e a mãe de Sophie e, por fim, a própria Sophie, falando a partir do seu caixão, são presentes a um tribunal rabínico húngaro. Toda a vida de Sophie, desde a tenra infância até ao malogrado casamento, é debatida de forma cada vez mais hilariante. No final, o tribunal concede o divórcio a Sophie; então, Taubes encaminha a narrativa novamente para o realismo, no que diz respeito à estrutura e ao tom, ainda que não à cronologia. Sophie está com Ezra durante o casamento, está na América depois de o pai e ela terem emigrado, está de volta a Budapeste e depois novamente à América. Perto do final desta secção, Sophie tem uma espécie de ajuste de contas com a mãe, mas sem reconciliação ou mesmo entendimento. Depois disso, o livro esmorece: Sophie com os filhos, Sophie a escrever o seu romance em Nova Iorque, Sophie de novo a caminho da Europa. É inquestionavelmente a secção mais fraca de *Divórcio*. Na minha opinião, é como se Taubes não tivesse sabido como pegar em todas aquelas interioridades e exterioridades e expô-las uma vez mais com as mesmas força e criatividade a que lança mão uma e outra vez ao longo do romance. Ou talvez estivesse a ceder a um desiderato editorial: um final que, ao menos, deixasse em aberto uma possibilidade de redenção. Ambas as explicações são pura especulação da minha parte. Poderá apenas dar-se o caso de, visto que *Divórcio* não é nem um romance totalmente realista nem propriamente um romance experimental, nenhum final ser inteiramente satisfatório. Em vez disso, o leitor depara com o que Taubes, na penúltima frase do romance, apelida de «a angústia de lugares oníricos abandonados.»

É tentador refugiarmo-nos na constatação de que, tivesse Taubes vivido, teria escrito melhores livros. Mas acerca de que escritor é que *não* pode fazer-se tal afirmação? Gosto de pensar que ela teria encontrado uma maneira de explorar as qualidades extáticas da sua escrita, tão notórias nas cartas, verdadeiramente notáveis, que

escreveu a Jacob durante 1951 e 1952, quando ela estava na Europa e ele a estudar em Jerusalém com Gershom Scholem, o grande erudito do judaísmo cabalístico, e das quais já há indícios na sua tese universitária sobre Weil (as cartas foram publicadas na Alemanha, em 2014). Apesar das suas limitações, o romance de Taubes resistiu ao teste do tempo. Muitos romances experimentais foram escritos durante o mesmo período em que ela escreveu *Divórcio*. Não me parece controverso dizer que, hoje em dia, muito poucos valerá a pena ler. *Divórcio* é uma dessas raras exceções.

David Hume terá dito acerca de Rousseau que ele se assemelhava a uma pessoa que vive sem a pele sobre o corpo. O mesmo, creio eu, pode ser dito sobre Susan Taubes, e foi isso que lhe causou um sofrimento tão grande ao longo da vida e o que faz de *Divórcio*, cujo tema mais profundo é a angústia, um livro ao mesmo tempo tão implacável e tão extraordinário. Este é um romance que sangra.

*David Rieff*

*para*  
*ELSA FIRST,*  
*que conheceu este livro antes de ele o ser*

**UM**

Ela abre os olhos com um esforço enorme, mas é num outro quarto; depois vai a descer em passo apressado uma rua movimentada e ladeada de lojas requintadas, as montras da Place Vendôme chamam-lhe a atenção, relógios achatados como moedas; mas ela sabe que aquilo não é assim, sabe que, deitada na cama, num quarto, tem de abrir os olhos. Abre e fecha os olhos repetidas vezes, agora que está na cama; reconhece o quarto; a luz num piso elevado junto ao rio Hudson. Mas não consegue manter os olhos abertos o tempo suficiente; de cada vez que pestaneja o quarto muda, a janela está numa parede diferente, ou uma massa negra tapa-lhe a vista. Agora distingue a silhueta de um homem, recorda a dor que a dilacerou, para a qual o seu corpo não estava preparado — é o seu amante? — está ao lado da cama, de pé, encasacado, ela interroga-se se gritou como uma selvagem, se ele ouviu os seus desvarios e as suas blasfêmias irromper no sangue ebuliente. Caso tenha ouvido, finge que não, por gentileza ou indiferença, porque prefere não acreditar no que ouviu ou viu. Quer recordá-la bela e digna.

Começa a falar, está longe agora, a sua voz é remota, surpreendentemente veloz e fluente. Ri-se. Jamais se rira assim. A silhueta do homem turvou-se, uma massa escura e inerte, balouça ligeiramente, agora vê o branco das solas dos seus pés descalços: ele enforcou-se!

Sophie Blind não acredita nisso, é claro, sabe que, lá porque uma coisa nos prega um susto, não temos de acreditar nela; estudou Filosofia, Epistemologia, publicou dissertações sobre o problema da verificação. Além do mais, agora não vê nada. Porventura fosse

apenas um casaco num cabide, balançando com o solavanco do avião. Ou visão estroboscópica.

A dor dissipou-se, erguendo-se literalmente. Primeiro não via. O que era aquela carícia branca? Deus estava a pintar o mundo na sua retina com o mais macio dos pincéis; estrelas, neve a cair, eflorescências, filas de castanheiros bravos em flor, cada folha uma titilação verde. Nunca se rira assim. Também naquilo não devia acreditar. Só porque uma coisa nos deixa extasiados, não temos necessariamente de acreditar nela.

Está num quarto, na cama; a esta ideia familiar Sophie Blind aferrou-se enquanto tinha o mais delirante dos sonhos.

Mas estará a sonhar?

Está num quarto a escrever. O único problema é que todas as páginas do pequeno bloco estão já preenchidas com palavras numa língua estrangeira. Recosta-se na cama. O quarto é-lhe desconhecido, tem o tecto alto – um lavatório de mármore com um jarro, o guarda-roupa, francês rústico – um quarto num hotel antiquado de primeira classe numa estância balnear na Normandia. Claramente um sonho, porque agora recorda-se do industrial de Milão, percorriam a costa de Amalfi no seu *Alfa Romeo* – isso data e localiza a recordação, mas o que foi feito dele? Tem de tomar uma nota de tudo isto – depressa, antes que ele venha – no individual de papel rendado do tabuleiro do pequeno-almoço. O quarto mudou outra vez, mas está habituada a isso. Sophie Blind está acostumada a quartos desconhecidos. Passou a vida toda a viajar.

Este quarto, com cortinas de musselina estampada tachadas à armação da janela, os reposteiros de uma cor obscura, a roupa da cama numa pilha alta, podia ser no apartamento da sua avó, em Budapeste. Fotografias de homens barbudos em molduras argêntas cobrem a parede. Ouve-se o bulício das entregas na porta das traseiras; mantas batidas sobre o peitoril, escovas a esfregar pedra; os hóspedes são acompanhados à entrada e à saída; a porta do aparador range de cada vez que é preciso tirar mais um copo de vinho.

Contempla uma página da Bíblia ilustrada por Doré, uma imagem que retrata o dilúvio, multidões que se contorcem de corpos nus na

parte inferior, os mortos dispostos voluptuosamente sobre as rochas, a enorme Arca branca acercando-se, do alto; um segundo depois a página é virada e revela uma cena pastoral. A silhueta umbrosa que vasculha o quarto, tirando objectos de arcas, podia ser um primo ou um tio. Estranha, a extravagante parafernália: botas, saiotes e combinações, chapéus e leques dos anos 1890 e dos anos 1920. A elegância lesta e confiante com que ele lida com as coisas e se desloca sugere que é o seu amante, o seu amante metendo-se com ela, vestindo o cafetã de peles do seu bisavô, a seguir a estola de raposa prateada da tia; as imitações que ele faz vão longe de mais. Pára, pede ela, mas ele está já a vestir o vestido de lantejoulas da sua mãe: aparece a cara maquilhada de uma mulher, uma similitude perfeita, os caracóis louros, o sinal preto logo abaixo do canto esquerdo da boca; está sentada, com um vestido justo, decotado, as pernas cruzadas como Marlene Dietrich... Alguém abana o quarto como se fosse um caleidoscópio; os lustres desabrocham e tombam em salões de baile revestidos de espelhos, há demasiados reflexos e o brilho é ofuscante. Agora, Sophie Blind não tem a certeza de estar a sonhar. Uma outra pergunta ocupa-lhe o pensamento. Quando estamos sob o efeito da diabólica droga, lembramo-nos de a ter tomado, supondo até que não a puseram no nosso chá, os filhos da mãe, supondo que não houve nenhuma ilicitude, que nos voluntariámos como uns palermas, somos capazes de nos recordar quando estamos realmente sob o efeito da droga? Sophie Blind não se recorda.

Olha para o amante, espantada com a expressão: «... essa felicidade, tão improvável, chamamos-lhe amor...» Ele senta-se na beira da cama, a fumar com um ar solene. Ela interroga-se por que motivo ele fita a distância, com a cabeça inclinada para trás; quer ver-lhe os olhos. «... porque tu estás morta, Sophie», ouve ela, como se fosse a voz que emerge de uma carta que está a ler, «Morta.»

«Já falámos sobre isto...», quer ela dizer. Em vez disso, relanceia o olhar para um derradeiro vislumbre do seu querido rosto. Sumiu-se. Para onde? Desapareceu. Na tapeçaria da parede? Uma cena de caça medieval, o fundo de verdura esmaecida; em cima, à esquerda, um castelo tenuemente esboçado paira no ar; em primeiro plano,

dálmatas de pé sobre as patas traseiras, pintados de frente, parecem saltar para quem os observa – tamanho virtuosismo no escorço, na Idade Média; é espantoso! Modernidade, Reforma, Renascimento são, afinal de contas, piadas de sala de aula, como ela sempre suspeitou – o mundo acabou quando devia acabar, no ano de 1274, se ao menos tivessem acreditado nisso. «... Porque é que tinha de haver um século xx...?» Ouve uma voz conhecida, com um sotaque alemão carregado, repetir a pergunta de um aluno. Isso era num outro sonho. Agora, ela não consegue ver nada. Na verdade, vê demasiado e muito depressa. É a mesma coisa quer mantenha os olhos abertos ou fechados. O seu amante está no quarto e quer que ela se mantenha calma. Quem é que está a fazer uma caçada na sua cabeça? Aves mortas a tiro em pleno voo caem sombriamente a pique vindas de todas as direcções e aves novas são lançadas com a mesma velocidade, crocitam estridentemente.

Sabe que acabou. Já não pode parar. Tem de acostumar-se à sua nova voz.

Sim, estou morta. Sabia que estava morta quando vim, mas não queria ser a primeira a dizê-lo. Não só quando cheguei. Não tinha bem a certeza, sabem. Tudo me parecia tão novo, os tanques de água nos telhados, as avenidas largas e as pesadas portas de vidro; os rapazes a jogar *touch football* no passeio. Como se estivesse em Nova Iorque pela primeira vez. A percepção que tenho das coisas é, por vezes, distorcida. Mas nunca me senti tão intensamente viva como agora. É isso que me está a confundir. E a tua presença. A ouvir. Ou só a observar o meu rosto adormecido, sempre calmo, disseste tu. Quando sei que estás longe... Talvez estejas a dizer-me as palavras para tornar tudo claro. Talvez não sejam precisas palavras. As mulheres querem essencialmente felicidade, disseste tu, felicidade, mais do que poder ou a verdade. Mas eu gosto da verdade. Agora que estou morta, só me interessa a verdade.

Morri numa terça-feira à tarde, atropelada por um carro quando estava a atravessar a Avenue George V. Chovia torrencialmente. Tinha acabado de sair do cabeleireiro. A hora, a julgar pelo trânsito, cada vez mais intenso, mas ainda não congestionado, terá sido

pouco antes das seis. Avistei um táxi livre, fiz-lhe sinal. Desci o lan-cil à espera de uma oportunidade para atravessar. Nesse instante, vi o porteiro do hotel do outro lado da avenida a dirigir-se ao táxi com um guarda-chuva desmesurado e a soprar o seu apito estridente. Precipitei-me para o táxi. Fui projectada para o meio da estrada por um carro e atingida de imediato. O resto é confuso. Por causa da chuva, apenas um punhado de transeuntes se juntou para ver o sucedido. A polícia e uma ambulância chegaram em poucos minutos. E em menos de meia hora o trânsito retomou a normalidade.

Aconteceu tão subitamente e, além disso, na altura, estava a pensar noutra coisa. Mas não há dúvida de que estou morta. Vem no jornal. A declaração médica está na secretária de um polícia, embora a certidão de óbito só possa ser passada amanhã de manhã; «*Femme décapitée en 18.<sup>ème</sup> arrondissement*», dizia o *France Soir*, e a sensação de ter a cabeça decepada das costas é ainda nítida. O meu corpo a crescer e a crescer, os seus milhares de biliões de células de repente libertados, disseminados, acelerados, jubilantes, precipitando-se rumo às sete portas de Paris, saindo pelas Porte de Clichy, Porte de la Chapelle, Porte d'Orléans, Porte de Versailles; os dedos dos meus braços estendidos mergulhados nos bosques de Boulogne e de Vincennes.

Querido,

Estou a chegar. Não te deixes enganar pelo papel com o timbre do Crillon. Vou a caminho, levanto voo de Paris esta noite. Cinco dias em Amesterdão (escrevi-te acerca da conferência); talvez consiga reduzir para três e estar em Nova Iorque no domingo, dia onze, pela manhã, com a Icelandic. Mando-te um telegrama, quando souber ao certo. Deixa uma chave debaixo do ladrilho solto, por via das dúvidas. Espero que esta carta te chegue a tempo. Foi impossível escrever nas últimas semanas. Os prazos do trabalho, instalar os miúdos em casa da minha cunhada, onde vão passar o Verão, e depois despejar a casa – uma deprimente quantidade de coisas. Mas agora está feito. Sou finalmente livre, as chaves foram entregues aos novos inquilinos, a minha mala já rumou à *aérogare*. Caminhei o dia todo, maravilhosamente leve, apenas com os meus documentos e a tua fotografia no bolso.

Deambulei por diferentes mercados, contemplando as mesmas variedades de queijo e a fruta lindamente disposta, o feijão-verde organizado em filas perfeitas; perdi-me no mercado das flores. Sentei-me no vestibulo do Crillon durante quase uma hora a tentar escrever-te. Depois passei pela Place Vendôme e vi as montras. Só quando as lojas fecharam para o almoço é que comecei a pensar que talvez devesse ter um plano para a parte da tarde: compras, visitar o Musée Grévin, ver a nova exposição de caligrafia chinesa ou dar uma última vista de olhos às cabeças cicládicas, no Louvre. Mas, aturdida, continuo para lá de Châtelet, vasculhando cada uma das

lojas de bricabraque ao longo do *quai*, quarteirões com artigos de desporto, peixes e aves tropicais para venda, e, de volta pelo outro lado do rio, dei conta de repente do quanto todo aquele deleite era absurdo, o esplêndido céu azul, a impaciência e a irritação inusitadas ao ver mulheres que rumavam a casa com crianças pequenas e se aglomeravam à porta de talhos e padarias. Preparei-me para a típica viagem de barco pelo Sena, ao pôr do Sol, com o *ferry* apinhado de rapazes de uma qualquer organização juvenil alemã, a *Wundervogel*. E agora está na hora.

Perdoa-me esta carta tardia e apressada; esperava enviá-la hoje, mais cedo; agora suponho que mais vale expedi-la do aeroporto. Ainda nem sequer comecei a pensar na conferência que tenho de dar, sobre Espinosa. Conto com o espírito do lugar. Será a minha primeira visita a Amesterdão.

Com amor, SOPHIE

Quando viajava, Sophie Blind transportava o que acumulara ao longo de cerca de trinta e cinco anos em caixas, malas, baús, barricas, cestos e outros recipientes. Não com ela mesma, nem necessariamente a acompanhá-la. Consigo transportava apenas o necessário, dependendo da natureza da viagem – quer fosse de barco, avião, comboio, autocarro ou a pé –, da sua duração e do seu destino e, por fim, do número de pessoas que viajavam.

Aquela parecia ser a maneira óbvia de lidar com as coisas: emalar e desemalar e emalar outra vez se fosse viajar, e toda a vida Sophie viajara. Ao casar, continuara a viajar com o marido. Ezra Blind trabalhava num livro cujo término talvez lhe ocupasse toda a vida, ou, pelo menos, as próximas duas décadas; o trabalho exigia que fosse a bibliotecas e se encontrasse com estudiosos de diferentes países. Felizmente, Ezra arranjava maneira de ser convidado como conferencista por boas universidades de ambos os lados do Atlântico e até de Jerusalém. Assim sendo, viviam em muitas cidades diferentes, às vezes apenas durante uns meses, noutras ocasiões por dois anos, e, pelo meio, viajavam para outros lugares. Sophie gostava de viajar. Também gostava de ter algumas coisas que estimava, alguns objectos íntimos, com ela, onde quer que estivesse, para lá de mais ou menos o mesmo céu, com o mesmo Sol e a mesma Lua, mais ou menos as mesmas paredes. Umas coisas Sophie encontrava, outras roubava e algumas comprava. Sophie gostava de viajar. Como presente de casamento, Sophie pediu ao sogro um prolongamento da viagem de lua-de-mel, em vez de um casaco de peles.

Não querer um casaco de peles? A nora tinha de ter um casaco de peles. Quando, por ocasião do nascimento de um filho, um casaco de peles foi adquirido, foi para as respectivas fotografias de família. Usava o casaco por eles. Era nora deles. Mas tinha de levá-lo para todo o lado quando viajava com o marido? Sim, porque Ezra pagara parte do casaco. O pai dele dissera:

– Quero comprar um casaco de peles de quinhentos dólares à Sophie.

Ezra disse:

– Compre-lhe um por setecentos dólares. Conheço um homem através do qual podemos arranjar um casaco de novecentos dólares por setecentos. Eu dou os duzentos e poupamos quatrocentos, e ela fica com o melhor dos casacos.

Com Ezra, Sophie usava o casaco de peles e as jóias que ele lhe comprava. Sempre que Ezra se desesperava em relação ao futuro de ambos, comprava a Sophie uma jóia volumosa de prata.

Gostava que ela se vestisse de preto. Era de preto que ela estava quando a pedira em casamento e era a cor que melhor lhe ficava e combinava com as jóias que ele lhe oferecia. Estava sempre disposto a comprar mais um bom vestido preto a Sophie. Um bom vestido preto durava uma vida inteira. O que Sophie sempre sonhara ter era uma camisa de noite branca, comprida e macia, do melhor algodão ou da melhor flanela. Mas Ezra não era capaz de entender por que motivo ela a queria. Ficava melhor nua. Às vezes, pedia-lhe que se fosse deitar de casaco de peles. Uma camisa de noite? Isso era um luxo.

Nem tudo o que Sophie continuava a acumular a seguia em caixas e como carga em grades e baús; tal era difícil e dispendioso e complicado. De resto, se fossem para sul, não precisariam de todos os casacos e roupa de lã, embora pudesse precisar deles no ano seguinte ou numa ocasião futura, uma vez que nunca sabiam para onde rumariam a seguir. Igualmente, guardava roupa de criança que já deixara de servir e que podia ser útil para o filho seguinte. É claro que não podia levar com ela a maioria das coisas que reunia de diferentes lugares por onde ia passando, mas armazenava-as, dependendo de onde lhes calhasse estar, em casa de amigos e familiares.

Tudo tinha de ser guardado para a altura em que assentasse arraiais e tivesse uma casa grande com muitas alas e pisos, uma cave para armazenamento, um sótão para manter todos os animais de estimação que prometera aos filhos. Na sua cabeça, estava tudo junto, ela estava sempre numa casa imaginada, de partida para uma viagem e a escolher uma ou outra coisa para levar consigo. Mas, porventura, tudo o que quisesse mesmo fosse aquela casa imaginária e continuaria sempre a viajar e a coleccionar coisas e a viver em todo o lado. Entretanto, ia conseguindo armazenar uma caixa aqui e uma mala ali, em casas de amigos e familiares sedentários. Depois, se ficasse no mesmo sítio mais do que um ano, se bem que nunca nada fosse definitivo, podia pedir que lhe enviassem algumas coisas. Desejava sempre ter sabido das circunstâncias futuras e feito as malas tendo-as em vista.

Era uma fraqueza, sabia-o, acumular e guardar e lembrar-se de onde deixara as coisas. As coisas perdiam-se, mas isso fazia parte de viajar. Não só objectos individuais, mas bagagem, uma mala, misteriosamente perdida. Fazia o melhor que podia para tomar conta das coisas e, se algumas se perdessem não obstante os seus esforços, resignava-se animadamente, ao contrário de Ezra, que recordava uma e outra vez o objecto perdido. Quer fosse alguma coisa que lhe era muito querida ou algo de que precisava naquele momento, de cada vez que uma nova perda era descoberta, enumerava pesadamente cada item que se extraviara desde o dia em que tinham embarcado juntos. Isso, Sophie não fazia. Ou guardava para si. Havia o momento em que a perda era descoberta, a angústia sentida. Uma vez é o suficiente, era a posição de Sophie. Os objectos perdidos queriam ser lamentados. Ah, sim, era impossível lastimar o suficiente aqueles brincos comprados numa pequena rua de Génova. Mas era contra os princípios de Sophie sofrer a perda do que quer que fosse mais do que uma vez. Como podia Ezra ficar do lado de *coisas*? Não era que Sophie tivesse a certeza absoluta. Na verdade, era assombrada por esses objectos perdidos, apesar dos seus princípios, e não ajudava dizer: Que alívio, hoje em dia não seria vista nem morta com aqueles brincos! Enviavam o seu espectro fantasmagórico: no

toucador de um quarto de hotel. Estava na natureza das coisas fazer aquilo, concluiu Sophie, e na sua natureza, enquanto mulher de princípios, resistir. Se aquela coisa ainda me assombra, considerava Sophie, deve ser porque não sofri a sua perda tão profunda e verdadeiramente como devia. Mas nesse caso, não há nada a fazer. Perdi o momento; ou a coisa perdeu o seu momento; é por isso que não pára de regressar. Quanto à perda de algo que lhe causasse uma verdadeira angústia, essa perda ela carregava-a no seu tutano, ali compactada. Se, em algum momento, tivesse querido saber tudo o que se perdera, só precisava de nomear a última coisa que se extraviara e Ezra encetaria o rol, hoje isto, ontem aquilo, em enumeração regressiva. Mas Sophie não estava interessada. Manter a conta era coisa de homens. Era o que o seu pai fazia, e ambos os avôs.

Sim, adorava viajar. É a única forma de viver, dizia Sophie, a única maneira de viver no tempo: voar lado a lado com ele. Sophie ficava nervosa quando permaneciam durante demasiado tempo num lugar.

Sophie esforçava-se ao máximo para evitar discussões, mas nem sempre resultava, porque Ezra não se contentava em preocupar-se e queixar-se: queria uma discussão. Além disso, Sophie guardava alguns rancores que nem sempre conseguia manter em silêncio. Em resultado, discutiam.

Ezra ganhava sempre. Fosse qual fosse o assunto e independentemente de quem começava a querela, Ezra arranjava sempre maneira de a tornar a ela a má da fita. Sophie não entendia como é que ele fazia aquilo. Devia ser um talento especial. E no final dizia sempre que ela era a mulher mais maravilhosa do mundo.

Ezra começava com uma questão de somenos importância. Tão insignificante que Sophie nem tão-pouco dava conta de que ele estava a provocar uma discussão. Uma pequena coisa que pode ficar resolvida num minuto, pensava ela; ou uma pequena coisa em relação à qual não há nada a fazer e que pode ser descartada num minuto. Depois, à medida que Ezra se punha a elaborar o seu argumento, durante um tempo excessivamente longo, ocorria a Sophie que o assunto não era apenas uma determinada gravata que ele

não era capaz de encontrar e a culpava a ela por não ter emalado, ou o facto de não ter emalado outros itens noutras ocasiões, ou a sua indiferença pela aparência dele, ou pela própria aparência – o seu desleixo para com as aparências, de um modo geral. A questão era, na realidade, todas as consequências que tal tinha na vida deles e que continuariam a acumular-se. A questão era de suma importância.

Ezra discutia o seu argumento com uma teatralidade crescente; ora caminhando de um lado para o outro, ora mantendo-se imóvel para não deixar escapar um arroubo retórico, ou para realçar uma pausa dramática. Sophie observava o seu dedo indicador: desenhava círculos ou mexia uma qualquer mistela. Precipitava-se numa rota vertical em direcção ao sublime. Mergulhando em *looping* de volta à horizontal, imobilizava-se apontado a ela. O indicador começava então a agitar-se, numa advertência cada vez mais ameaçadora, como se não conseguisse parar quieto. Nessa altura, ela respirava fundo, quer para lhe responder quer para sair de rompante da divisão.

Sophie detestava discussões. Em geral, guardava os rancores para si mesma. Ou então desembuchava-os inusitadamente. Indecisa sobre se havia de mencionar a questão, ou acerca da melhor maneira de o fazer, e enquanto ainda debatia consigo mesma como e se havia sequer de fazê-lo, as palavras saíam-lhe pela boca, surpreendendo ambos – provavelmente surpreendendo Sophie mais do que Ezra, que estava habituado a que a família gritasse com ele, ao passo que Sophie não tinha o costume de se ouvir gritar.

Ezra escutava com atenção, numa posição reclinada, muito calmo. Tiraria ele partido de um momento em que Sophie estava demasiado absorta na sua cólera para se afundar no sofá ou se esgueirar para a cama... ou seria assim que a discussão começava? Com Ezra estendido na cama quando Sophie andava de um lado para o outro e quando havia coisas para fazer, mais do que as que conseguia fazer sozinha, e a súbita tomada de consciência de Sophie de que a sua vida se reduzia ao desespero de alguma vez conseguir fazer o que quer que fosse. Deparar com Ezra reclinado, esparramado, a bocejar: talvez tivesse sido essa a verdadeira força motriz da sua ira.

Sophie Blind não acreditava nas palavras devastadoras que lhe irrompiam da boca, ou que estava a dizê-las. Além do mais, a expressão de Ezra não manifestava consternação, incredulidade ou choque. O que ela via era satisfação: sentado direito, de olhos arregalados fixos nela, acenava que sim com a cabeça, numa atitude de quem aprovava a ira feminina, porque era uma prerrogativa feminina, reprimindo um sorriso sem grande sucesso, a sua expressão suavizava-se claramente, o rosto adoptava uma aparência de severidade ou simples medo, e depois desaparecia debaixo do cobertor quando os braços dela, investindo contra ele com as mãos em forma de garra, ameaçavam descarregar na sua pele delicada a intenção que subjazia às palavras que gritava, e, escondido, esperava que a tempestade passasse. A coberto da manta, pouco tinha a recear, era apenas uma mulher que lançava o seu peso sobre ele, os punhos esmurrando sobretudo a parede, o ar, o colchão; um soco nas costelas, quando muito, caso os punhos dela ultrapassassem a barricada de braços e joelhos. Apenas uma mulher, e entretanto cada vez mais dúctil, maleável, fluida em resultado da raiva; a sua querida mulher, sabia o que fazer com ela, e dali a nove meses havia um bebé.

Ou, se ela não se precipitasse sobre ele, ele aguardava até a ira se esgotar, como acabaria por acontecer. Esperava até a furiosa chuva enfraquecer e se tornar um mero chuvisco, para se encarregar da última branda gotícula de Sophie Blind repetindo debilmente: «... tenho sempre de fazer tudo sozinha...» Então, Ezra, ferido na alma pela mera insinuação de uma censura, começava a enumerar, a recordar-lhe as ocasiões em que a ajudara, fizera coisas por ela, a aliviara de fardos, lhe comprara presentes; uma após outra, todas as suas boas acções para com ela de um modo geral, apenas algumas da sua inexaurível provisão, enquanto ela conseguisse manter a cabeça levantada, até ela ficar totalmente subjugada por todas as suas boas acções tão prolixa e sentidamente listadas. O peso de tamanha consideração, devoção, serventia ao longo de tantos anos deixava Sophie assaz débil e tolhida. Não sabia bem se estava de pé, sentada ou deitada. Asfixiava. Quando, por fim, sentia o corpo dele à sua volta e se sentia esmagada sob o peso dele, era um alívio. E dali a nove meses havia um bebé.

Quando Sophie estava de esperanças era feliz; nada a incomodava nessa altura. Dormia e caminhava e comia sempre que lhe apetecia. Quando Ezra lhe pedia que fizesse alguma coisa, de uma forma geral não ouvia. Estava grávida. A minha mulher está grávida, dizia Ezra, de um modo expressivo, quando as pessoas notavam a ausência dela ou, em festas, comentavam o seu ar alheado. Sophie não se maçava com a etiqueta social quando estava de esperanças, e menos ainda quando estava a amamentar e a educar uma criança. Não se maçava com sapatos que apertavam ou com argumentos a favor ou contra. Ficava em casa e untava a barriga ou o bebé, ou ambos.

Vendo o quanto Sophie era feliz quando estava grávida, Ezra deu-lhe outro bebé. Sophie tomava banhos de imersão. Quando havia um bebé, levava-o com ela para a banheira, fossem quantos fossem, e brincavam com as torneiras todas e com o chuveiro, ou borrifavam-se uns aos outros com água. Quando cresciam mais um pouco, dava-lhes tintas e argila e contas e roupas velhas para brincarem e fazerem coisas.

Ezra queixava-se; as contas e a argila e a tralha e os trapos e a tinta horrorizavam Ezra, e sobretudo que as crianças pintassem nas paredes. Isso sai, assegurava-lhe a mulher, e, com uma esponja, provava que assim era. Porém, a ideia de que as crianças pintassem e desenhassem nas paredes escandalizava Ezra. Era o fim da picada. Era escandaloso. Ezra proclamava que queria ordem em casa. Sophie via o dedo dele abanar ameaçadoramente e os lábios franzirem-se numa linha severa. Durante muito tempo recusou-se a acreditar na transformação de Ezra. Aquilo era Ezra a falar pelo nariz, como o pai? Criou barriga, desenvolveu achaques estranhos, gritava ao deparar com uma racha na parede, com qualquer coisa derramada, com um botão em falta; tinha de ser consertado imediatamente.

Ezra ordenou-lhe que mandasse encerrar o chão. Os miúdos vão escorregar, protestou ela. Deviam ficar quietos nos seus quartos e caminhar com cuidado sobre soalhos encerados, berrou Ezra. Mas era um disparate, se pretendiam mudar-se dali a uns meses, e além do mais, era caro, tentou ela argumentar com ele. Não temos dinheiro para isso, pretextou, realçando as contas por pagar da mercearia

e do médico. Nesse caso, os miúdos terão menos brinquedos, concluiu Ezra, e entrou como um furacão na casa de banho com uma pilha de jornais estrangeiros.

Sophie era feliz com os filhos; continuaram a fazer coisas, ainda que sujassem a casa. Ezra estava quase sempre fora e quando voltava, sempre de forma inesperada, havia uma discussão, e isso fazia parte da vida familiar. Só que, à medida que os anos passaram e as crianças cresceram, as discussões tornaram-se mais acesas e Sophie viu-se a perder e ele a ganhar de uma maneira que se tornara inaceitável para ela, porque entretanto ele guardava o registo de todos eles, o dela e o das crianças, contabilizando o que cada um perdia e fazia de errado e, tendo persistentemente fracassado e feito incorrectamente, continuaria a fazer de errado. Estava não apenas a recordar más acções passadas, mas também a profetizar todas as más acções que iriam praticar. Quando se tornassem homens e mulheres, ele já os teria condenado à forca ou empurrado para a sarjeta. Sophie Blind, que nunca se defendera a si mesma, tinha então de começar a defender dois e três e mais das palavras e por vezes das estaladas, das palavras sobretudo, porque eram mais duradouras. Igualmente, entretanto com mais filhos, Ezra possuía um inventário ainda maior dos favores e gentilezas e esforços feitos em prol deles desde o dia em que tinham nascido, que recitava com um inexorável detalhe, até uns ficarem exaustos e outros gritarem e baterem com os pés e Sophie não saber o que estava a fazer, quanto mais o que devia estar a fazer, excepto que obviamente aquilo não podia ser resolvido ou continuar da maneira como até então fora, e que por mais forte e premente que fosse a sua vontade, não devia nem gritar nem desmaiar, mas antes fazer tudo o resto. Tantas coisas tinham de ser feitas: proteger ou argumentar ou, às vezes, permanecer imóvel como uma estátua, ou tirá-los da divisão e dizer-lhes que obedecessem ao pai, ou tentar tirá-lo a ele da divisão e depois consolar e alegrar. Anos mais tarde, quando tentou recordar o que fizera na verdade, ou o que podia ou devia ter feito, a confusão era a mesma. Não sabia o que fazia ou devia fazer, contudo, ia andando de dia para dia. E de um país para outro, fazendo e desfazendo malas

e viajando mais sozinha, até se ter cansado de viver em sítios remotos e retrógrados, ilhas às quais o *ferry* ia uma vez por semana, montanhas sem estradas, acessíveis apenas a pé ou de mula. Estava cansada de viajar ou apenas cansada, e queria um pouco de vida de cidade. Tanto ela como as crianças começaram a sentir a falta das suas coisas: livros, brinquedos, roupa, todas as coisas boas que tinham comprado e usado em lugares diferentes e deixado em caixas e malas, armazenados aqui e ali, perdidos porventura (a mala enviada para casa da irmã de Ezra e que continha todos os apontamentos que tirara em Itália, e os elegantes copos venezianos). Cansara-se de andar maltrapilha e do mau gosto dos demais e queria um sítio onde pudesse ter todas as coisas da família reunidas de uma vez por todas, e queria não ter de se mudar e de fazer malas e de se ralar, mas antes fixar-se na sua própria casa para criar os filhos, e ter paz e sossego para escrever um dos livros que sempre tencionara escrever um dia.

Tudo aquilo de que precisava, na verdade, era dinheiro e um caso amoroso feliz, disse um inglês reformado a Sophie, em Ibiza.

Sophie recordou-se de que ainda tinha o dinheiro que o pai depositara no banco quando ela se casara, «na eventualidade de...» Não deixara o pai terminar a frase; casava-se no dia seguinte e receava que o pai dissesse alguma coisa que acabasse por estragar tudo, por isso recusara-se a ouvir. Na sua vida, não iria haver nenhum «na eventualidade de»; ia correr tudo bem, e não precisava do cinismo e das dúvidas do pai na véspera do seu casamento.

Sophie traçou planos para se instalar em Paris. Ezra protestou, depois aprovou. A alegria de Ezra com a escolha de Paris e os seus comentários irónicos eram de esperar. Perante os amigos, Ezra vangloriou-se de que estava a conceder à sua esposa aquilo com que todas as mulheres sonhavam: viver em Paris. Ao sogro escreveu uma carta a censurá-lo com veemência por auxiliar a filha a fugir do marido com os filhos. Ezra escarnecia de Sophie, mas alegrava-o a perspectiva de a visitar em Paris e de passar algumas semanas ou meses todos os anos na sua cidade preferida. Finalmente, ela tomara uma decisão sensata.

Ezra insistiu em que os miúdos ficassem em casa da sua irmã Renata, em Berna, para que Sophie pudesse tratar da mudança em paz.

– Mas eu vou deixar-te, Ezra – disse Sophie.

– Só quero facilitar-te as coisas – protestou Ezra. – Continuas a ser a mulher com quem casei e a mãe dos meus filhos – acrescentou ele, com emoção. – Os factos não se podem alterar. Os miúdos terão os melhores cuidados em Berna e tu ficarás livre. A Renata fica com eles o tempo de que necessitares para te organizares.

Na Primavera desse ano, Sophie foi para Nova Iorque para embalar e enviar as coisas que aí deixara e para tratar das suas finanças. Seria aquela a altura certa para ter um caso amoroso feliz?

Assim foi.

Sophie regressou à Europa para passar algumas semanas junto ao mar com as crianças, até o apartamento de Paris estar pronto. No voo de Nova Iorque para se juntar aos filhos, os seus pensamentos rodopiaram num doce badanal. Teria muitos mais casos amorosos felizes. Ou quiçá só mais um para o resto da vida. Mas talvez só nos estivesse reservado um por vida, e esse, ela já o tivera. Não importava que não tivesse acabado de emalar tudo.

Livro parcialmente autobiográfico, que conjuga ficção, memória e sonho, *Divórcio* é considerado uma das mais entusiasmantes redescobertas literárias do momento, que coloca Susan Taubes ao lado das maiores figuras da Literatura contemporânea. Um romance inovador e brilhante sobre o colapso de um casamento, mas acima de tudo a descrição do abismo que se abre entre uma mulher e o seu mundo interior e exterior.

Sophie Blind, a protagonista desta história, revisita o passado e interpreta o presente, escava os recantos da sua consciência, por meio de episódios fragmentados, avanços e recuos — para descobrir no seu casamento, e no dos seus pais, um processo de anulação de si própria e de crescente atracção pela morte, somente interrompido pelo acto da escrita.

*Divórcio* foi publicado em 1969 e, à época, largamente ignorado. Com a morte precoce por suicídio da sua autora acabou por cair no esquecimento. Experimental, negro e espirituoso, é o primeiro e único romance de Susan Taubes, uma das mentes mais interessantes do século xx.

«*Divórcio* é literatura que olha para lá da vida.»

**THE NEW YORKER**

«*Divórcio* é feito da matéria dos cultos literários.

Há livros que são meramente reeditados.

Mas, neste caso, estamos perante uma ressurreição.»

**THE PARIS REVIEW**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896233396



9 789896 233396 >